

Haroldo Hollanda

ANC

Falta apoio a Ulysses no PMDB

A semana que se inicia, na prática, a partir de terça-feira, pois amanhã é feriado, promete ser do ponto de vista político das mais quentes. O ministro Dilson Funaro, nos próximos dias será submetido a testes políticos decisivos, onde sua cabeça estará sempre em jogo. Na quarta-feira a executiva nacional do PMDB estará reunida e a política econômica brasileira, e especialmente seu condutor, o ministro Dilson Funaro, serão postos novamente em julgamento.

Na última reunião da executiva nacional do PMDB foi possível observar inusitada e estranha aliança entre dois parlamentares de posições políticas opostas: o senador Fernando Henrique Cardoso, da esquerda, e o deputado Roberto Cardoso Alves, ligado aos grupos conservadores. Os dois impediram que fosse aprovada naquela oportunidade, o pedido de Ulysses, moção elaborada pelo senador Severo Gomes de apoio à política econômica de Funaro. Tanto o senador Fernando Henrique Cardoso como o deputado Roberto Cardoso Alves, embora movidos por motivações diferentes, são críticos da atual política econômica.

Tudo indica que o deputado Ulysses Guimarães encontra-se em minoria dentro da executiva nacional, se pretender dar respaldo político a Funaro. Com as eleições de novembro passado, Ulysses perdeu dois parceiros políticos importantes que tinha na executiva, os atuais governadores Pedro Simon e Miguel Arraes, licenciados da função por força da lei. Com exceção de Maria da Conceição Tavares e do deputado Heráclito Fortes, os demais componentes da executiva, como Roberto Cardoso Alves, Milton Reis, Walmor de Luca, Francisco Pinto e Fernando Henrique Cardoso, não estão ali para engrossar o caldo político do presidente do PMDB. Na última reunião da executiva nacional do partido, o deputado Francisco Pinto fez pesadas críticas a Ulysses. A insatisfação na executiva nacional contra Ulysses não é determinada por razões ideológicas: o estilo pessoal por ele imprimido às decisões partidárias, sem consultas prévias, a não ser a um grupo de sua maior intimidade, gera protestos e descontentamentos.

No PMDB são cada vez maiores as restrições à política econômica executada no plano interno pelo ministro Funaro. Se todos fazem ressalva elogiosa à decisão do Brasil de decretar a moratória, não poupam suas críticas às altas taxas de juros cobradas pelos bancos e a outros aspectos negativos da política econômica interna do ministro Funaro. Isso sucede hoje até da parte daqueles parlamentares que, muito recentemente, eram os mais entusiasmados com a conduta de Funaro como ministro da Fazenda.

É impossível prever o que acontecerá nas semanas que antecederão a reforma ministerial. O PMDB espera por resultados positivos da parte do ministro Funaro com a maior brevidade possível, o que parece pouco viável. A inflação, ao contrário do que previu o ministro, não demonstra sinais de estar declinando, pois em março voltou a registrar índice superior a 14%.

A política econômica brasileira, se é que existe, revela-se vacilante e sem rumos definidos, de acordo com a opinião de técnicos e especialistas de várias tendências políticas. A expectativa da reforma ministerial gera também incertezas, porque no seu bojo poderá ocorrer a substituição do ministro Funaro. Não houve até agora uma palavra categórica por parte do presidente da República, reafirmando sua confiança na política do ministro da Fazenda. Naturalmente, o presidente Sarney examina os resultados colhidos até aqui pelo seu ministro e as reações registradas nos diferentes setores da sociedade antes de tomar uma decisão.

O problema é que a crise financeira vivida pelo Brasil é de tal profundidade e extensão que não tolera novas protelações. Qualquer economia submetida a taxas de inflação de mais de 14% ao mês vive em constante sobresalto, não só financeiro como social. As greves se alastram, todos se consideram injustiçados em suas reivindicações, a própria base política e parlamentar do governo começa a se revelar precária e incerta. Chegou, portanto, a hora de tomar uma decisão: ou o governo fica com Funaro e lhe dá todo o apoio ou o substitui por alguém que mereça sua confiança.

Brizola e Saturnino

Não supreende a quem conhece os dois mais de perto o virtual rompimento político do ex-governador Leonel Brizola com o prefeito do Rio, Roberto Saturnino. Ambos jamais haveriam de se afinar politicamente, pois possuem temperamentos opostos. O ex-governador Brizola é um líder político carismático, que chefia seu partido tomando decisões de cima para baixo. Funciona mais como mito. Já o prefeito Roberto Saturnino é um político de formação técnica e acadêmica, de procedimento baseado na racionalidade. Segundo seus amigos Saturnino, no entanto, padece de um mal: é tímido e não ousa politicamente, no que difere a esse respeito, mais uma vez, do governador Leonel Brizola. Era inevitável assim o conflito entre Brizola e Saturnino, o qual tardou até a se consumar.

As vésperas das eleições de 82, Saturnino deixou o PMDB porque o partido, naquela ocasião, dominado por Chagas Freitas e Miro Teixeira, não lhe oferecia qualquer garantia de espaço político onde pudesse se realizar. Foi acolhido no PDT, por cuja legenda disputou e ganhou uma cadeira de senador pelo Rio de Janeiro. Em 85, ainda uma vez mais pelo PDT, Saturnino concorreu e venceu as eleições para a prefeitura do Rio. O atual prefeito do Rio goza de bom conceito junto à classe média, embora não venha fazendo uma administração exemplar, em virtude da deficiência de recursos com que lutam as administrações de todas as capitais.